

DOSSIÊ TRANSFEMINISMOS
EMPODERAR AS VOZES JOVENS

APRESENTAÇÃO

Jaqueline Gomes de Jesus

Organizadora

Por ser uma novíssima linha de pensamento e ação, o transfeminismo passa pelo seu estágio inicial de criação no Brasil, de mãos dadas com o chamado “feminismo de internet”, ou feminismo 2.0, em diálogo com as contribuições internacionais, porém sem deixar de considerar as nuances da conjuntura brasileira.

Seja lá o que vier disto, ele está sendo fundamentado agora, principalmente por meio de contradiscursos ao *apartheid* de gênero, à lógica binarista, à patologização de identidades e ao silenciamento do protagonismo trans, geralmente expresso na forma de infantilização de discursos.

O presente dossiê participa de um movimento intelectual e político extremamente dinâmico, o qual se caracteriza pela promoção de visibilidade às vozes de pessoas transgênero. Ele atende a uma intensa demanda por materiais acerca da temática, decorrente, no entendimento desta organizadora, não apenas da ânsia crescente por compreender a população em pauta, suas demandas e desafios, mas também do ânimo para enfrentar, ou ao menos questionar, a naturalização das posições marginais impostas à população trans nesta sociedade.

Alianças e parcerias essas que de modo algum se reduzem ao autorreferenciamento, apresentando-se a partir do reconhecimento da humanidade de gente considerada abjeta; no mínimo, exótica.

Ciente de que ocorre empoderamento quando as vozes dos excluídos são valorizadas, optou-se, neste volume, por privilegiar as escritas de jovens pensadores, que reconhecem a diversidade interna da população trans e marcam presença qualificada nos debates mais atualizados sobre gênero e feminismo, não raro lançando mão, inteligentemente, de olhares panorâmicos que provocam reflexões inesperadas, potentes o bastante para causar um estranhamento e nos tirar do imobilismo.

O primeiro artigo, *Máquinas discursivas, ciborgues e transfeminismo*, de Beatriz Pagliarini Bagagli, dialoga com a obra de Michel Pêcheux e Donna Haraway para falar do transfeminismo como um acontecimento discursivo que, ao emergir, tensiona a concepção do gênero como dado, aponta para o corpo (qualquer um) como território eminentemente simbólico e político.

Seguindo, Vi Tchalian, em *Performance transfeminista: o corpo como plataforma de subversão*, aponta para a força das expressões culturais, capazes de questionar o controle sobre os corpos, e delinea, de maneira inédita, a possibilidade das expressões artísticas transfeministas em romper com normas sociais rígidas, o que costuma ser respondido com violência.

No seu *Transfeminismo: contradição na opressão*, Leila Dumaresq trata do lugar inovador do transfeminismo no campo das acentuadas transformações no ativismo contemporâneo. Ao se vincular a movimentos sociais não necessariamente limitados ao conjunto político-histórico de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), assume-se interseccional e amplia as oportunidades de expressão das ideias e sentimentos da população transgênero.

Concluo o dossiê trazendo à baila *Uma puta educadora: entrevista com Indianara Alves Siqueira*, na qual esta prostituta e militante trans, presente e admirada em diferentes movimentos sociais brasileiros, posiciona-se acerca do ativismo como processo educativo, recusando títulos e rótulos.

Enfim, o(a) leitor(a), neófito(a) ou já calejado(a) nestes assuntos, encontrará na publicação elementos ímpares para a desconstrução do pensamento tradicional sobre as realidades trans. Desse modo, pretende-se estimular novas pesquisas, as quais, oxalá, não se restrinjam a teorizar, mas usem subsidiar políticas públicas e iniciativas privadas voltadas para a superação do quadro desumanizador a que a população transgênero está submetida.